

# Representação Da Periferia E Do Centro Em Cidade Dos Homens<sup>1</sup>

Cristina Teixeira Vieira de Melo<sup>2</sup>

Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE

**Resumo:** A partir do questionamento de Spivak (1985) sobre a possibilidade de fala do subalterno, investigamos como o seriado *Cidade dos Homens*, da Rede Globo, atua na representação da periferia. Defendemos que *Cidade dos Homens* trabalha duplamente sob as chamadas “zonas de contato” (Pratt, 1999); pois, não apenas os episódios tematizam as relações assimétricas de dominação e subordinação entre culturas díspares (classe média/ periferia), como a própria inserção do seriado na grade de programação da emissora sinaliza para novos contratos de sociabilidade entre aqueles que sempre tiveram vez e voz na TV e “os outros”. Por fim, ressaltamos que a construção de identidades é resultado de um empreendimento enunciativo no qual o sujeito exerce uma ação com e sobre a linguagem. Esta materialidade lingüístico-discursiva ganha relevo na análise que empreendemos.

**Palavras-chave:** seriado de TV, representação social, periferia, zonas de contato, interdiscurso

## A luta pelas representações sociais

Vários autores afirmam que o jogo entre visibilidade e invisibilidade pública emerge como elemento estratégico na vida contemporânea. A mídia, por sua vez, tem um papel central na definição do que se tornará visível ou não. Nesse contexto, os sujeitos não só alimentam o desejo de estar na mídia, mas também o de definir como querem ser representados, instaurando uma forte disputa pelo controle das representações sociais.

Ao preocuparem-se com as formas de representação social, os sujeitos mostram que reconhecem o poder que tais representações têm de influenciar positivamente ou negativamente suas vidas e deixam claro que percebem que estas representações não são algo dado, algo peculiar a um indivíduo ou grupo porque ele é naturalmente como é. As representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica.

“As marcas de identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionadas. Estão em pauta, portanto, os processos de apreensão do mundo social: esta apreensão dá-se, sempre, através de atos de pensamento e linguagem, cujas coordenadas são geradas social e culturalmente”. (Penna, 1997, p. 87)

Conforme expõe Penna (op.cit.), as atribuições de identidade dependem do interesse em perceber características “x” ou “y”. Assim, é possível selecionar as evidências capazes de revelar os traços que correspondam às atribuições de identidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Audiovisual, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. E-mail: cristinademelo@terra.com.br

selecionadas. As lutas por classificações relativas a identidades são lutas por formas de reconhecimento em torno não apenas do critério de incorporação a uma classe, mas também do valor a ela atribuído. Desta maneira, as atribuições de identidade estabelecem uma demarcação social e, por conseguinte, espaços de atuação, comportamentos e atitudes legítimas, em suma, as diretrizes que norteiam as interações e as próprias relações sociais.

### **As representações na mídia da periferia e do centro**

No Brasil, a periferia sempre ficou à margem da mídia, relegada à invisibilidade ou tratada de maneira estereotipada. Telejornais, novelas e seriados televisivos se habituaram a representar os bairros periféricos como o lugar da barbárie, do tráfico de drogas e da violência.

De uns tempos para cá, como aponta Esther Hamburger (2003), o leque de representações disponíveis na TV sobre a periferia vem se diversificando.

“Na década de 90 a invisibilidade que caracterizava o universo popular na mídia foi rompida por programas televisivos, como “Aqui, Agora” e outros que o sucederam. Esses programas penetraram o universo dos bairros populares com reportagens sobre casos escabrosos de violência e/ou pequenos conflitos. (...) A utilidade pragmática desses programas inclui o aceno com a possibilidade de inclusão social no universo do visível. O aceno se radicaliza no final da década e início do novo milênio, no plano da ficção cinematográfica e televisiva”. (Hamburger, 2003, p. 5)

É neste contexto que surgiu, em 2002, na Rede Globo de Televisão, o seriado *Cidade dos Homens*<sup>3</sup>. Hoje, podemos dizer que este seriado ocupa um lugar de prestígio entre as produções de TV que tematizam a realidade das favelas, pois põe em foco o ponto de vista dos moradores destas localidades, especialmente crianças e jovens – majoritariamente negros – que vivem na favela em meio ao tráfico e a violência.

Por outro lado, *Cidade dos homens* contradiz o estereótipo que reduz o universo dos pobres à violência, à pobreza e as drogas. Ele humaniza os personagens/moradores da periferia, mostrando que, muito além da criminalidade, quem mora ali são pessoas comuns que sonham, trabalham e se divertem.

---

<sup>3</sup> Durante 4 anos a série *Cidade dos Homens*, produção da O2 Filmes, foi veiculada pela Rede Globo de Televisão. *Cidade dos homens* é um desdobramento do especial “Palace II”, exibido em Brava Gente no final de 2000, também produzido pela O2 Filmes. A série mostra a dura realidade da comunidade de uma favela através de dois personagens, Laranjinha (Darlan Cunha) e Acerola (Douglas Silva). Eles são dois garotos que moram numa favela do Rio de Janeiro e enfrentam problemas típicos deste universo, como o tráfico de drogas e a falta de dinheiro. (cf. Dicionário da TV Globo. Vol. Programas de Dramaturgia & Entretenimento. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2003, p. 2002)

Para dar credibilidade a narrativa, os diretores buscaram refletir sobre questões típicas do mundo do jovem da periferia: a falta de dinheiro, o desemprego, a dificuldade de freqüentar uma escola, a gravidez precoce, o convívio com a criminalidade etc. Paralelamente, eles investiram em estratégias discursivas que se aproximassem do mundo real dos moradores de favela. Há uma preocupação em produzir um ambiente em que as coisas parecessem pouco produzidas. Os cenários e figurinos são os mais naturais possíveis. O uso de palavrões, expressões coloquiais, gírias e variações dialetais usadas nos morros cariocas aproximam o espectador do dia-a-dia dos atores/personagens.

É notório certo tom memorialísta presente em *Cidade dos Homens*, pois, muitas vezes os roteiros são baseados em experiências dos atores como moradores de favelas<sup>4</sup>. Este fato assegura a verossilhança entre a estória da *Cidade dos Homens* que se vê na tela e as possíveis histórias dos sujeitos que habitam regiões de periferia. Os personagens não se encaixam nos estereótipos comuns. Cada um é ricamente construído em suas diversas dimensões humanas.

A forma de filmar (movimento de câmera, enquadramento, fotografia) revela uma cidade que pulsa e se mostra em suas cores, luzes, texturas. Os sons da cidade (trânsito, vozes, ruídos) também fazem parte da composição do cenário. A trilha sonora faz parte da ação, configurando-se como um dos elementos de sua composição.

Apesar de toda essa sensação de realidade documental, resta perguntar se *Cidade dos homens* pode ser considerado como uma voz do subalterno na TV, na medida em que seu discurso é apropriado pela televisão, um dos principais veículos do discurso hegemônico.

### **De onde é possível o subalterno falar**

Retomamos o questionamento de Spivak (1985) sobre a possibilidade de fala do subalterno. Para a autora o subalterno não pode falar, porque sua fala opera de acordo com os códigos e repertórios hegemônicos.

Nesta mesma direção, Hal Foster (1985, p. 221) afirma que “(...) a mídia transforma os signos singulares de discursos sociais contraditórios numa narrativa normal, neutra, que *nos fala*. (...) Desta forma, os grupos sociais são silenciados e,

---

<sup>4</sup> Além dos dois atores principais, todo o elenco de *Cidade dos Homens* é formado por atores dos grupos “Nós do Cinema” – criado durante a preparação de elenco para o filme *Cidade de Deus* – e “Nós do Morro”. (cf. Dicionário da TV Globo. Vol. Programas de Dramaturgia & Entretenimento. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2003, p. 2002)

pior, são transformados em consumidores seriais – *em simulacros de suas próprias expressões.*”

Tal fenômeno instaura o dilema em que os que são tornados “visíveis” pela mídia e, por conseguinte, pela esfera pública, e que procuram reivindicar seu lugar na cidade, são também aqueles que têm seus discursos e imagens naturalizadas pelo novo “tráfego discursivo” operado por esta mesma mídia (Bentes e Herschmann, 2002:101). Então, quais seriam as possibilidades do subalterno sair da penumbra e negociar espaços e discursos na relação com grupos hegemônicos?

Conforme Freire (2003), ao lançar o conceito de responsabilidade ética, intrinsecamente ligado às novas possibilidades de agências e posicionamentos dos grupos subalternos, Spivak (1999) aponta uma saída para esta encruzilhada. A autora compreende que o diálogo entre os pólos (eu – outro, centro – periferia) implica em responsabilidade de ambos os lados. Trata-se, assim, de uma relação ética de criação de um espaço discursivo para o Outro existir. A agência, dentro deste espaço, significa a constante negociação de representações e recriações e o conseqüente questionamento dos termos desta negociação. O que parece estar em jogo, para a autora, não é a necessidade de rápido reconhecimento do Outro subalterno pelo agente hegemônico, mas a revisão das relações que se inscrevem na geografia de um mundo onde pouco sentido fazem as velhas noções de espaço (próximo/remoto, colônia/metrópole) e de sujeito (eu/outro, nativo/forasteiro). Nesse sentido, a fala do subalterno depende não de uma concessão, ou da permissão para narrar; antes, coloca-se como estratégia de resistência, sujeita, portanto, a negociações e embates.

“Spivak rejeita qualquer movimento que perpetue não exatamente a violação, mas, o consentimento da violação por parte do subalterno. A este cabe elaborar tanto estratégias concretas de ação no mundo transnacional (traduzidos ou não em políticas), quanto participar na definição dos limites éticos, geográficos, culturais e sociais de sua relação com o hegemônico. A afirmação de demandas próprias e legítimas, a reação em permanecer como álibi para muitas das ações da grande narrativa do desenvolvimento, o desejo de não mais ser “salvo” pelo hegemônico constituem possibilidades de agência do subalterno.” (Freire, 2003, p.9)

É necessário estarmos atentos a estes processos de apropriação e de resistências na sociedade contemporânea. Neste ponto, gostaríamos de trazer para o centro da discussão a noção de “zonas de contato”, que são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (Pratt, 1999, p. 27).

Estes encontros são marcados por diálogos provisórios e localizados entre os atores envolvidos.

A nosso ver, *Cidade dos Homens*, objeto de estudo deste artigo, marca esta provisoriedade de posições, debates e articulações entre culturas díspares. Este seriado não mais confere aos sujeitos representados (classe média e periferia) um lugar fixo ou genérico de representação. Para mostrar como isso se efetiva nesta produção televisiva, analisamos o episódio *Tem que ser agora*<sup>5</sup>, exibido em 2003 durante a segunda temporada da série.

### **Formações Discursivas da periferia e do centro em Cidade dos Homens**

Em *Tem que ser agora* as noções de “rico”, “pobre”, “marginal”, “bandido”, “poder” são, entre outras, relativizadas. O sentido que se atribui a cada uma destas categorias é condicionado pelo lugar de fala ocupado pelo personagem que enuncia. É o ponto de vista do enunciador que dá sentido ao dito.

A possibilidade de sujeitos falantes, tomados em uma conjuntura histórica determinada, poderem concordar ou se afrontar sobre o sentido das palavras é explicado pelo conceito de Formação Discursiva (FD). Para Foucault, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (2000, p 43).

Por exemplo, no episódio *Tem que ser agora*, vemos claramente duas FDs em cena, aquela que caracteriza o discurso da periferia e a outra, que corresponde ao discurso da classe média. Estas duas FDs se constituem uma em relação a outra, ou seja, no interdiscurso. Há momentos no episódio em que as diferenças entre as FDs são maximizadas e outros em que elas são minimizadas.

O aspecto da segregação, materializada no acesso ou interdição ao espaço urbano, também é contextualizada no episódio em análise (exemplos 1, 2, 3). Apesar de a praia ser tomada como um lugar democrático, onde todas as tribos se encontram, o acesso que ricos e pobres têm ao local não se dá da mesma maneira. A praia é

---

<sup>5</sup> *Tem que ser agora* – direção de Regina Case, roteiro Jorge Furtado, Regina Case e Rosa Amanda Strausz. O episódio mostra os encontros e desencontros dos jovens da periferia do Rio de Janeiro com os jovens moradores de bairros nobres da cidade. A praia é o cenário para conversas, brigas, namoros etc. Nestes encontros, cada personagem busca *encaixar* o outro em uma determinada categoria social.

representada como sendo livre para os ricos, mas, de certa maneira, interdita aos pobres.

Exemplo 1 - (Duda e Carol, ambas moradoras de bairros de classe média, chegando na praia)

Duda – *Carooooool...!!!*

Carol – *Duda, o que é que tá essa praia?*

Duda – *Cê sabe que eu não sou racista, Carol, cê sabe! Eu não tenho o menor preconceito contra preto, mas peraí, mora no Vidigal, vai na prainha do Vidigal; mora sem São Conrado, vai no Cantão de São Conrado. Agora, com uma praia tão grande dessas, vem em frente a minha casa!*

Carol – *Pô, fizeram até aquele piscinão pra eles! Eu não tenho o menor preconceito, eu sou madrinha do filho da minha empregada!*

Duda – *Não! Eu só acho que não tem necessidade!*

Exemplo 2 – (Rodolfo e Leanderson, ambos da classe média, conversando com um grupo.)

Rodolfo – *Ai, galera, a parada é a seguinte: Dieguinho tá vindo com a galera, porque um neguinho lá rabeou com ele ontem. O bicho vai pegar! É hoje que a gente vai fazer uma faxina aqui nessa prais! Vamos dar uma varredura mesmo, fazer uma limpeza nessa praia!*

Leanderson – *Vamos botar essa negada pra tomar sol na laje!*

Exemplo 3 - (Voz off de Laranjinha, morador do morro, comentando a perseguição dos garotos de classe média contra os garotos da periferia).

Laranjinha - *Para o cara pegar onda onde ele não é local, tem que ter green card, quer dizer, autorização de alguém que é daquela área. Só porque o neguinho rabiou o playboy, quer dizer, entrou na onda dele, olha aí a merda que deu. Daqui há pouco eles vão colocar segurança no mar. Tá pensando que mar é condomínio?*

Dessa forma, fica evidente uma distribuição desigual das práticas sociais. O mesmo acontece com os discursos. Em *A ordem do discurso*, Foucault (1970) já apontava para os mecanismos de restrições com base em formas de controle, segundo a qual não se permitirá que todo mundo tenha acesso a todos os discursos.

“Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente, nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis”. (Foucault: 1970: 37).

Vale ainda ressaltar uma dinâmica ambígua de medo, separação e intimidade que marca as relações entre aqueles que moram na favela e aqueles que vivem nos bairros próximos. Por vezes estas relações de convivência são pacíficas, outras assemelham-se a pequenas guerras, em que um grupo disputa a soberania com o outro.

Nos exemplos abaixo selecionados, a posição de morador da favela e de morador de um bairro nobre ora funciona de um jeito, ora de outro, podendo conferir poder ao personagem ou enfraquece-lo na disputa que se trava. No exemplo 4, é o morador da favela que tem poder sobre o garoto da classe média, enquanto no exemplo 5 a situação se inverte.

Exemplo 4 - (Laranjinha, dói subúrbio, entregando a prancha de João, da classe média)

João - *Ai, essa prancha é minha, cara.*

Laranjinha - *Essa merda aqui é sua? Nunca te vi com ela aqui.*

João - *Mas é minha. É que eu deixei ela lá me cima com o O2, no concerto. Cadê o assistente dele?*

Laranjinha - *Sou eu mermo. É que minha empresa presta serviço para ele Little Orange delivery, vai levar?*

João - *Chega de papo, me dá logo a prancha.*

Laranjinha - *30 reais.*

João - *Mas o O2 me falou que era 25, cara.*

Laranjinha - *O dólar subiu, ainda to entregando a domicílio; com delivery é mais caro. (...) Aí, psiu, próxima vez que precisar do meu serviço pode subir lá no morro para buscar a tua prancha. Psiu, vai tu e teus amiguinhos. Peida, não!*

Amigo de João - *Qual foi, heim?*

Laranjinha - *Nada não... Bundão (risos)*

Exemplo 5 - (amigo de João Vitor ameaçando de Acerola porque este estava com sua prancha)

Amigo de João Vitor - *Ô, ô, ô, neguinho; ô neguinho. Tu tá maluco, meu. Que tá fazendo com a minha prancha?*

Acerola - *Que é isso?*

Amigo de João Vitor - *Essa prancha é minha, cara.*

Acerola - *Foi mal, cara.*

Amigo de João Vitor - *Larga essa merda aí. Tá louco brother?*

Acerola - *Foi mal meu irmão, desculpa cara.*

Amigo de João Vitor - *Tá olhando o que cumpade?*

A noção de formação discursiva anteriormente referida também autoriza a relação parafrástica de substituição. Determinadas expressões, que no dia a dia não são usadas como equivalentes, são tomadas como sinônimas dentro de uma mesma formação discursiva. Fica claro, portanto, que certas equivalências só valem no interior de uma mesma formação discursiva. Por exemplo, não é em qualquer discurso que bandido é igual a playboy, como sugerido no trecho abaixo:

Exemplo 6 - (Dois vendedores de praia comentando a briga entre os garotos da zona sul e os garotos do morro)

Vendedor 1 - *E, olha lá, a briga vai terminar mal.*

Vendedor 2 - *Olha lá quem ta começando. Branco, né? Playboyzinho, tudo bandido. E amanhã vai dar no jornal... Quem começou? Favelado. É isso tem nada a ver não. É preto, é pobre. Veja meu filho, Chales, meu filho, por exemplo, ele é preto, ele é pobre, a mãe dele sai e deixa a branca e ele não pega, não.*

Pêcheux e Fuchs (1975:169) dizem ainda que a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrases entre sequências possíveis de serem ditas pelo sujeito numa situação enunciativa, de forma que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a "matriz de sentido". Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido. Isto os leva a afirmar que, uma FD é constituída por um sistema de paráfrase, isto é, é um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade.

Uma vez que as palavras só adquirem sentido dentro de uma formação discursiva, concebe-se o sentido como algo produzido historicamente pelo uso, e o discurso como o efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas. Assim, o processo de enunciação, na perspectiva discursiva, vincula a linguagem ao seu contexto e o centro organizador da expressão deve ser buscado no exterior, na ideologia.

Como as representações da relação entre a periferia e o centro tendem a ser instáveis, o episódio *Tem que ser agora* mostra também a diluição de uma linha de fronteira nítida entre ricos e dos pobres, apontando para a possibilidade aproximação entre essas duas classes.

Na vida real, a proximidade física entre a periferia e o centro torna a convivência entre favelados e moradores de bairros nobres uma realidade incontornável. Mesmo morando nas favelas, vários trabalhadores prestam serviço na zona sul (são faxineiras, empregadas domésticas, pedreiros etc), sendo comum este movimento favela/centro. O movimento inverso não é freqüente. Moradores da parte rica raramente entram na favela, permanecendo isolados da ameaça do mundo exterior identificada com a vizinhança imediata.

No episódio em análise, contribui para a minimização das diferenças entre periferia e centro o fato de a história se desenvolver na praia, local considerado democrático por natureza, pois, lá se misturam pessoas de várias classes sociais. No entanto, contrariando as teorias que postulam ser a identidade algo móvel, a cor da pele

e o tipo de cabelo são levados em consideração para demarcar a condição de ser rico ou pobre, morador de bairro de classe média ou da favela.

Exemplo 7 - (Laranjinha e Acerola, ambos moradores da favela, trocando impressões sobre Camila, moradora do bairro de classe média carioca que faz fronteira com o morro)

Laranjinha – *Conhece?*

Acerola – *Não, e tu?*

Laranjinha – *Também não. Jeito de rica, não é?*

Acerola – *Por quê?*

Laranjinha – *Ah, sei lá... pelo cabelo*

Acerola – *E se for, qual é o problema?*

Laranjinha – *Qual é o problema? Ta já viu rico namorar pobre? Só em filme cara!*

Olhar as características físicas desta forma aponta para a construção de uma representação de identidade de rico e pobre baseada num padrão de outrora, em que ser negro era sinônimo de pobreza e ser branco, na maior parte das vezes, de riqueza. Hoje, embora as pesquisas ainda apontem para o fato de os brancos ocuparem o topo da escala social, com melhores em pregos e salários; o lugar de brancos e negros na estratificação social não obedece mais a um padrão tão rígido, por conta disso, as características raciais nem sempre espelham as posições sociais dos sujeitos. É o que fica claro no exemplo abaixo:

Exemplo 8 - (Voz off de Laranjinha refletindo sobre a mistura de classes na praia)

Laranjinha (off) - *Praia é muito confuso, fico nervoso! Quer vê: Pedro mora no morro, é mais ferrado que eu, mas só porque é loirinho ganha essas patricinhas aí.*

Neste contexto, alguns outros elementos são usados, paralelamente aos aspectos físicos, para identificar a posição social dos sujeitos. Afora objetos como celular, relógio, roupa, que tanto podem ser interpretados como símbolos de status (como no exemplo 9), ou denunciar que o sujeito ocupa um lugar mais baixo na escala social, o próprio nome da pessoa pode ser um indicador de sua origem social. De qualquer forma, devemos alertar para o fato de que estes símbolos (matérias ou imateriais) não são absolutamente transparentes, o que possibilita equívocos de interpretação (como nos exemplos 10 e 11).

Exemplo 9 -(Andressa e Laranjinha, ambos moradores do morro, conversando sobre Leanderson)

Andressa – *Laranjinha, vem cá meu bom, ajuda a sua amiga aqui. Quem é aquele moleque ali de azul, nego?*

Laranjinha – *Aquele paraíba ali? Já que dá pra ele, né! Maior cara de pobre!*

Andressa – *Só cara né, meu amor, porque o celular dele é pequenininho. Já viu o tamanho do relógio dele?*

Laranjinha – *Do camelô.*

Andressa – *Ah, não é mesmo! Eu tô filmando ele há um tempão. Você vê coisa boa de longe.*

Laranjinha – *Olha, eu tenho mais cara de rico que ele!*

Andressa, rindo – *Meu amor, deixa eu dizer uma coisa pra você, branco até dá pra confundir, agora preto, não tem erro!*

Exemplo 10 - (Mal entendido na conversa entre Tamires e Camila. Tamires responde as perguntas de Camila tendo como referente Leanderson, enquanto a amiga está na realidade questionando sobre João.)

Camila - *Ah, mas vem cá, me conta uma coisa, quem é aquele cara ali com o Rodolfo?*

Tamires - *Aquele ali? Você não sabe quem é?*

Camila - *Não*

Tamires - *É o Leanderson. O maior nome de pobre, né? Cara de pobre. O cara é nordestino, mas é cheio da grana.*

Camila - *Sério?*

Tamires - *O pai dele é senador, deputado, sei lá, uma parada dessas lá no Nordeste.*

Camila - *Achei fofo.*

Tamires - *Fofo, aquele ali de azul?*

Camila - *Não, o loirinho.*

Tamires - *Ah! ... aquele é fofo, mas é meu. É o João, a gente tá quase namorando.*

Exemplo 11 - (Laranjinha e Acerola conversando sobre Camila, moradora de bairro nobre).

Acerola - *Ali, cara, a maior gatinha. Cara, é muito linda, né? Tu que é um homem livre poderia chegar nela.*

Laranjinha - *Tem condição, não, cara.*

Acerola - *Ah, porque não?*

Laranjinha - *Olha o biquini da mina, é de butique, não é de fera não.*

Acerola - *Aquilo é aquele negócio que a minha vó faz. Lá em casa o liquidificador até o rolinho de papel higiênico tem uma roupinha dessa. Aquilo ali é crochê, nem de fera aquilo ali é, cara.*

Laranjinha - *E aquele ouro todo? Tem corrente até no pé.*

Acerola - *Tudo chapado. Emendando aquilo tudo não dá nem 10 reais.*

Ainda devemos destacar que a aproximação amigável entre o favelado e sujeito da classe média só parece ser possível num movimento de mão única, do rico em direção pobre.

Exemplo 12 - (Laranjinha comentando a aproximação de Camila)

Laranjinha – *Olha que menina linda, cara. Como é que eu vou saber se eu posso chegar nela. Não sei se ela mora na Rocinha ou na Vieira Souto. Tenho medo de chegar nela e tomar um fora.*

Exemplo 13 - (Camila, Tamires e Andressa comentando sobre Laranjinha)

Camila – *E aquele ali..., quem é, Tamires?*

Tamires - *Não tenho a menor idéia.*

Andressa – *Ué, aquele ali? Mora lá em cima, mora do lado da tua casa.*

Tamires - *Ele mora no 14?*

Andressa – *Pois é, tua mãe trabalha com a mãe dele na creche, menina.*

Tamires - *Nunca vi.*

Andressa – *Todo mundo conhece ele no morro, o pessoal chama ele de Laranjinha.*

Camila – *Laranjinha? Fofo.*

Andressa – *Camila, ta dando mole pra favelado agora é, filha?!*

Camila – *Que horror, Andressa! Me admira você que é da comunidade, ta mais preconceituosa que as “patis” aqui.*

Andressa – *Ah, meu amor, quero vê quando teu pai te ver com aquele neguinho ali. Vai ser engraçado!*

Camila – *Meu pai? Meu pai vai amar, meu pai é antropólogo.*

Exemplo 14 - (Laranjinha na portaria do prédio de Camila conversando sobre a possibilidade dos dois subirem para ficar juntos no quarto de Camila)

Camila - *Vamo entrar?*

Laranjinha - *Mas tua mãe não ta lá em cima?*

Camila - *Acho que ela tá, mas não tem problema não.*

Laranjinha - *E teu pai, também ta?*

Camila - *Acho que ela ta também.*

Laranjinha - *Pó, os dois tão aí?*

Camila - *Tão (...) mas não tem problema, a gente vai pro meu quarto.*

Laranjinha - *Mas eles não se importam de eu subir com todo mundo lá em cima?*

Camila - *Imagina! Minha mãe vai te adorar. Minhas primas vão te achar um barato ..*

Laranjinha - *Me achar um barato? Só porque eu sou neguinho e favelado?*

Camila - *Cara, cê tá achando que eu me importo com isso? Ta achando que eu sou a Duda? Ah, ela que vai chocada quando souber que...*

Laranjinha - *Chocada com quê? com o neguinho do morro só para tirar onda com tuas amiguinhas, é?*

Camila - *Não, eu não me importo mesmo.*

Laranjinha - *Mas eu me importo. Não vou subir pra tu querer tirar onda comigo lá em cima, não. Quer tirar onda, vai namorar com bandido, moleque do movimento; ai sim, tu vai tirar onda..*

Este último exemplo deixa a mostra como o favelado, o sujeito do morro, da periferia, tradicionalmente tratado como o mau sujeito, pode se tornar o bom sujeito. Isto ocorre quando este sujeito é visto como objeto exótico, estranho, como um bom selvagem.

### **Considerações finais**

A nosso ver o seriado *Cidade dos homens* configura-se como uma tentativa de ‘dar oportunidade para o subalterno falar’, pois, provoca uma suspensão das vozes hegemônicas que costumaram dar visibilidade a este segmento na mídia. *Cidade dos Homens* apresenta aos telespectadores uma favela, politicamente mais democrática e procurando horizontalidade, já que indica que qualquer vida assim pode ter um tipo singular e ao mesmo tempo exemplar de representatividade (cf, Beverley, 1993, apud Ribeiro, 2003).

*Cidade dos homens* torna-se, assim, um acontecimento discursivo novo na TV. Mesmo que a série utilize estratégias ligadas a uma sociedade de consumo muitas vezes sedenta por espetacularização, que de certa forma também alimenta o próprio processo de estigmatização que estas populações sofrem; podemos dizer que a maneira como a periferia, o subalterno aparece em *Cidade dos Homens* tem contribuído para diversificar as formas de identificação e de construção da narrativa deste segmento.

### **Referências bibliográficas**

- BENTES, Ivana e HERSCHANN, Micael. *O espetáculo do contradiscurso*. Caderno Mais. FSP, 18/08/2002.
- FOUCAULT, M. 1969. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6ed, 2000.
- \_\_\_\_\_. 1970. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 3ed. , 1996.
- FOSTER, Hall. *Recodings – Art, Spectable, Cultural Politics*. Seattle, Bay Press, 1985.
- FREIRE, Janaina Cordeiro. Vozes de Spivak, subalternidade na crítica pós-colonial. Notas de leitura. Trabalho apresentado no *Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

HAMBURGER, Esther. Política da Representação. *Contracampo*, ene. 2003, no.8, p.49-60.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1975). “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”. Trad. Péricles Cunha. In: Gadet, F. e Hak, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 163-252. (1990)

PENNA, Maura. 1997. *Identidade social, linguagem e discurso*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Letras e Linguística. UFPE.

RIBEIRO, Paulo Jorge. Cidade de Deus na zona de contato – alguns impasses da crítica cultural contemporânea. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. Ano XXIX, nº 57. Lima-Hanover. 1º semestre 2003, pp. 125 – 139.

SPIVAK, Gayatri C. "Can the Subaltern Speak?: Speculations on Widow Sacrifice". *Wedge* 7 (8), 1985: 120- 130.

SPIVAK, Gayatri C. “A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present”. Harvard University Press, 1999.